

O silêncio do fruto é a semente da comunhão, da comoção e da indignação^[1]

Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho^[2]

RESUMO: Através de uma experiência clínica e da biografia da canção “Strange fruit”, o autor se propõe a pensar sobre a experiência estética. Essa canção, que traduz uma dor imensa e deixa claros o preconceito e a crueldade, foi de vital importância no amortecimento do secular ódio racial contra os afro-americanos. A dura verdade traz uma penetração estética e é considerada pelo autor como uma mudança catastrófica, conceito proposto por Bion e, segundo Meg Harris Williams, considerado por ele o mais estético de seus conceitos.

PALAVRAS-CHAVE: “Strange fruit”, experiência estética, mudança catastrófica, cesura, verdade

1. Este trabalho foi originalmente apresentado no Encontro Internacional On-line “Psicanálise e Experiência Estética”, em 26 de junho de 2021, organizado pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP).

2. Médico. Membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

Meu paciente Rodrigo, um homem que era professor na área de ciências humanas, convivia frequentemente com um antigo professor de filosofia por quem nutria grande respeito. Esse velho mestre sempre chamava sua atenção para sua mania de “querer ser igual a profissionais competentes e bem-sucedidos”, em vez de concentrar-se em valorizar seus próprios recursos. Essa postura também transparecia em sua análise de forma recorrente, e invariavelmente eu recebia dele a justificativa de que ele de fato era limitado e, portanto, não lhe restava alternativa a não ser beber na fonte dos competentes.

Essa sua postura lhe trazia uma série de empecilhos práticos. Em primeiro lugar, o colocava no estranho lugar de ser um “eterno estudante metido a professor”; a seguir, ficava apavorado de não conseguir fixar a avalanche de ensinamentos que lhe eram transmitidos na pletora de cursos de aperfeiçoamento que atendia – na tentativa desesperada que fazia para evitar isto, ficava mergulhando numa parafernália de pretensos registros como gravações, anotações, etc., nunca admitindo que sua própria subjetividade pudesse ser um registro confiável.

Numa dada sessão, ele chega muito irritado com o velho mestre porque este, mais uma vez, o advertiu dessa sua ilusão de poder apoderar-se dos recursos alheios, em vez de utilizá-los para aprimorar seus próprios recursos. Aliás, devemos lembrar aqui que, havia cerca de um ano, essa espécie de consultor tinha lhe oferecido um belo modelo visual de sua postura, dizendo-lhe que é ilusório acharmos que podemos nos beneficiar da pujança da copa de uma árvore se suas raízes não forem plantadas por nós mesmos. Sua irritação é porque ele tem se esforçado, com ajuda da análise, para se livrar dessa obsessão, malgrado o professor insista em não reconhecer seus progressos.

Na sessão seguinte, Rodrigo conta ter tido um sonho interessante. Estava numa espécie de quintal, onde estavam um colega seu, com quem ele convive muito (e que sempre surgiu na análise como sendo uma fonte de ciúmes, por ser alguém que, ouvindo algumas conferências, passou a me admirar, e que ele suspeita ter intenção de roubar-me dele como analista), e também seu pai, que se divertia fazendo malabarismos numa bicicleta. A cena mudou, e agora estava diante de uma bela árvore que ele, ao me relatar, associa com uma árvore que ele plantou na calçada de sua casa e que, inclusive, gerou um entrevero com uma vizinha que cortou, por conta própria, seus galhos, que estavam atrapalhando sua visão. Lembra-se também que, após uma tempestade, a árvore ficou mutilada de um lado, pois um grande galho fora arrancado.

Voltando ao sonho, diz que ficou fascinado com aquela bela árvore e passou a escalá-la, mas notou que os galhos iam ficando cada vez mais finos, apesar de suportarem um belo fruto que balançava ao vento, como que se oferecendo para ser colhido. Ele tentou pegá-lo, mas não conseguia, pois ele está sempre escapando, como se fosse um prêmio fugidio, uma espécie de chave para entrar no Paraíso. No entanto, ele teve um sentimento de grande liberdade, quase que uma sensação celestial.

Chama minha atenção o fato de que ele, em nenhum momento, associa a árvore fantástica do sonho com a árvore modelo que lhe fora apresentada pelo velho professor. Ele fica surpreso quando lhe digo isso, e mais ainda quando lhe sugiro que a árvore do sonho já era uma árvore cujas raízes ele mesmo plantara e também que ele de fato não precisava recolher aqueles belos frutos, porque agora *ele era o fruto*. Sua reação é de surpresa e assombro. Eu, de imediato, concordo que seria um “fruto estranho” e associo com o famoso “*strange fruit*”, consagrado em canção por Billie Holiday.

Na sessão seguinte, Rodrigo começa queixando-se de estar invocado comigo por causa de seu ciúme e também porque teve outro sonho sem ter uma sessão no dia seguinte para contá-lo. Inicia o relato desse sonho descrevendo uma maravilhosa plantação de soja, que fora produzida por um tio materno, mas que, no final do terreno, sobrara uma tira de terra (sic) sem plantio, e ali, com gestos elaborados, ele manuseava um arado manual para completar o plantio com toques artesanais. Ele, Rodrigo, observava tudo aquilo de um posto elevado, deliciando-se com a beleza da plantação e com a intensa sintonia que sentia com a alegria espontânea do tio. A impressão que se tinha é que esse “plantio artesanal” procurava implantar uma paisagem que não destoasse da homogeneidade do setor construído com a tecnologia moderna.

Nesse momento, surgiu em cena um primo (também do lado materno), que faz um comentário invejoso: “apesar de a plantação artesanal ser belíssima, as vagens continham poucas sementes”. Ao conferir isso, Rodrigo constatou, para sua decepção, que a afirmação era verdadeira e continha um desprezo do velho pelo novo. Subitamente, seu tio entrou correndo na lavoura robusta, fugindo de um bicho, mas Rodrigo se angustiou, pois ele estava se dirigindo para um beco sem saída, onde fatalmente seria pego. Inundado de aflição, ele acorda e, ato contínuo, associa com o drama vivido por outro primo no Natal.

De fato, esse rapaz estava há alguns anos estudando para um concurso público, com grande afinco, mas na véspera do Natal ficou sabendo que o governo reduzira em 30% as vagas disponíveis e, portanto, para continuar vivo na seleção, ele teria que estudar feito louco para tirar 10 na prova teórica final. Isso de fato acabou acontecendo, mas Rodrigo se lembra que ainda não parabenizara o primo pelo feito.

Nessa altura, sinto necessidade de indagar-lhe sobre a observação inicial de que estava invocado comigo por ciúme: ele se mostra resistente a trazer o assunto, pois “é minha eterna questão com o Pedro, eu sei que é quase um delírio meu”. O Pedro é o tal amigo, já mencionado. Eu o lembro de ponderações anteriores, onde eu comentara que, em psicanálise, todo assunto precisa ser investigado em cada novo contexto, pois os usos de um pensamento são variáveis e mutáveis.

Aos poucos ele vai aceitando minha sugestão e, assim, conseguimos considerar esse sonho como continuação do sonho da árvore, ou seja, aqui também surgira uma “fruta estranha”, aquela vagem exuberante que, no entanto, parecia seguir o refrão de “por fora bela viola, por dentro pão bolorento”. Eu, no entanto, sugiro que essa era uma visão enganosa, já que as poucas sementes tinham grande valor, por terem sido

produzidas por ele com ajuda da análise, garantindo que as raízes daí geradas seriam de seu inteiro mérito. A figura do tio, com quem ele estava plenamente identificado, representava dois estágios de seu desenvolvimento: o ser acuado pelo bicho no beco sem saída representava o estágio em que Rodrigo só valorizava a competência dos “analistas-feras”, reduzindo a sua própria a pó; já o tio agricultor-artesanal o representava produzindo poucas sementes, como fruto de um trabalho psíquico laborioso. Nesse aspecto, aliás, a associação que teve com o primo que se superara nos remete ao enunciado recente de Ogden (2020) sobre a migração de uma visão de mundo epistemológica, para a qual o que importa é o acúmulo de conhecimentos e interpretações, para uma visão de mundo ontológica, que valoriza aquilo que se é. O primo se superara por *ser um lutador*. É isso que vem ocorrendo com Rodrigo, pois ele tem abandonado as notas e gravações em prol de alguns voos solo, como a inserção de belas epígrafes poéticas de sua autoria em dois trabalhos recentes de conclusão de curso.

A obtenção de frutos, alcançados com nosso próprio esforço, é o único antídoto eficaz contra a inveja e o ciúme, já que esses frutos podem até ser cobiçados, mas jamais destruídos ou roubados.

Essas interpretações, de fato, eram evoluções de uma realidade última (o O de Bion), ligada à sua eterna convicção de ser alguém de segunda categoria, só sobrevivendo à custa de transfusões constantes das seivas regeneradoras de seres superiores. Essa configuração já estava presente nas automutilações infligidas na árvore plantada por ele, seja por seu *self* invejoso (a vizinha que podara os galhos que impediam sua visão), seja por seu *self* desamparado (os galhos arrancados pela tempestade).

Em resumo, nessa altura creio que Rodrigo já faria jus a algumas passagens da “Carta de aprendizado” dirigida por Goethe (1884/1994) a seu personagem Wilhelm Meister, o herói do romance de formação:

Longa é a arte, breve a vida, difícil o juízo, fugaz a ocasião. Agir é fácil, difícil é pensar ... O jovem se assombra, a impressão o determina, ele aprende brincando, o sério o surpreende. A imitação nos é inata, mas o que se deve imitar não é fácil de reconhecer. ... [O artista que conhece sua arte pela metade] engana-se sempre e fala muito ... mas não se pode semear a farinha, e as sementes não devem ser moídas. ... O melhor não se manifesta pelas palavras. ... Só o espírito compreende e representa a ação. ... Quem só atua por símbolos é um pedante, um hipócrita ou um embusteiro. ... O verdadeiro discípulo aprende a desenvolver do conhecido o desconhecido e aproxima-se do mestre. (p. 482)

É chegada a hora de abrirmos um pequeno parêntese, para contarmos uma história ligada à estranheza, ao assombro e ao espanto, elementos chave do coração da psicanálise, ou seja, da metapsicologia. Estamos em 1930, na praça central da pequena cidade de Marion, estado de Indiana, no meio-oeste americano. Uma multidão, de cerca de 4 mil pessoas, se aglomera para festejar o linchamento de dois jovens negros que foram retirados da cadeia, acusados de esfaquear um operário branco e

estuprar sua namorada, e, apesar de já agredidos violentamente, são enforcados e pendurados no galho de uma frondosa árvore de álamo. À meia noite, a multidão ainda está reunida em torno daquela cena terrível, como se estivesse numa quermesse se divertindo com uma estranha atração.

Linchamentos de negros por brancos costumavam ocorrer com certa frequência nos estados sulistas, como uma espécie de herança macabra da Guerra da Secessão: entre o fim do século XIX e 1968, ocorreram exatos 4.742 episódios do tipo, mas o que relato aqui ganhou repercussão mundial devido a uma foto tirada por um fotógrafo profissional, Lawrence Beitler, que a utilizou com fins comerciais, cobrando 5 centavos de dólar por cartão postal estampando a foto icônica.

Muitos anos depois, um desconhecido professor judeu de Nova York, Abel Meeropol (1937), cruzou com essa foto e, indignado, produziu um poema que denominou de “Bitter fruit” (“Fruto amargo”), que começava assim:

Árvores do Sul dão um fruto estranho
Folha ou raiz em sangue se banha
Corpo negro se balançando, lento
Fruto pendendo de um galho ao vento
(trad. Carlos Rennó)

Em 1938, Meeropol resolveu musicar o poema – hoje considerada por muitos como a primeira canção de protesto norte-americana, denominando-a de “Strange fruit” (“Fruto estranho”) –, mas ocupando-se menos da melodia e mais de sua expressividade militante, devendo as sílabas ser escandidas para atingir a consciência do ouvinte como uma lâmina. Talvez devêssemos considerá-lo também o paraninfo do movimento Black Lives Matter, já que ele chegou a enviar a música aos 96 senadores da época, exortando-os a aprovar uma lei antilinchamento que desde 1919 dormitava no Congresso.

Talvez cansado de pregar no deserto, ou mesmo inspirando-se em Tolstói, para quem a música é a taquigrafia dos sentimentos, revestindo as palavras de um significado pleno, Meeropol resolveu levar a música num famoso clube noturno chamado Café Society, sugerindo a seu dono que a entregasse a uma tal de Billie Holiday, que ali se apresentava e de quem ele ouvira umas gravações. Apesar de a música ter ficado famosa, a ponto de a revista *Time* tê-la considerado, em 1999, “a canção do século”, sua assimilação pela mente dispersa e infantilizada de Billie foi difícil, até lhe ser possível sentir que aquilo tinha uma importância vital no amortecimento do secular ódio racial contra os afro-americanos.

O trajeto social dessa música já tem uma longa história de aplausos e críticas descritas no livro de David Margolick (2000/2012), *Strange fruit: Billie Holiday e a biografia de uma canção*. Nada substitui, no entanto, ouvirmos sua gravação com acompanhamento simultâneo da letra:^[3]

3. Recomendo uma gravação de Nina Simone, por ser uma cantora-raiz em termos de protesto e por constar de uma montagem de boa qualidade técnica. Pode ser acessada em <https://bit.ly/3BeK2IL>

Cena pastoral de um Sul garboso,
De olhos esbugalhados e de bocas contorcidas
Com a doce e fresca fragrância da magnólia,
Invadida pelo cheiro inesperado de carne em brasas!
As árvores meridionais produzem um fruto estranho,
Com sangue nas folhas e sangue nas raízes,
Os corpos negros balouçando na brisa meridional,
Este fruto estranho pendendo dos álamos
Eis uma fruta para os corvos bicarem,
para que as chuvas supurem, para que o vento engula,
Para que o sol apodreça, para que a árvore deixe cair.
Eis aqui uma colheita estranha e amarga.
(Meeropol, 1938/1964, tradução livre)

Meeropol (citado por Margolick, 2000/2012), o autor da música, ficou contente com a performance de Billie: “seu estilo”, disse ele, “era incomparável, cheio de amargura e de uma qualidade chocante, que eu esperava que a música tivesse. A plateia respondeu com uma tremenda ovação”. O compositor de jazz Spike Hughes (citado por Margolick, 2000/2012) sentia que “esta canção tem que queimar com o fogo feroz da raiva e as chamas da empatia”. As apresentações de Billie eram sempre cenográficas, todas as luzes se apagavam, e um foco iluminava sua cara: nas palavras da cantora Sylvia Syms (citada por Margolick, 2000/2012), “via-se o mundo naquele rosto. Via-se tudo que era humano, tudo que era vivo, toda a beleza e desgraça da vida. Havia uma aura naquele rosto que era celestial, sobrenatural”. Em minha avaliação, porém, a melancolia distraída de Billie não era a mais recomendável para uma música de protesto, na qual a comoção estivesse umbilicalmente ligada à raiva: é isso que nos leva a Nina Simone.

Frutificar envolve atravessar uma cesura, similar ao nascimento, evoluir uma condição de “poder ser” para uma condição de “ser” com todas as suas implicações de solidez e vulnerabilidade, de possuir forma, mas guardar uma reserva de amorfismo, de não aferrar-se a uma harmonia para poder reinventar-se. Frutificar é também a sublimidade da união entre a beleza estética e a beleza moral, entre a sabedoria e a força, “*strength and wisdom*”, como nos ensina Milton (1671/2011) no *Samson Agonistes*. Em suma, é parte do “conflito estético”, desenvolvido por Donald Meltzer e Meg Harris Williams (1988).

Os registros estéticos fotográfico, poético e musical mencionados neste artigo corroboram o aforismo de Keats (1819) de que “a verdade é bela, a beleza é verdadeira” (tradução livre). Por mais chocantes que esses registros sejam, sua calorosa indignação exsuda a verdade do preconceito e da crueldade com uma penetração estética que, em essência, não difere da penetração estética da comunhão: ambas configuram aquilo que Bion (1965/2004, 1966) denominou de “mudança catastrófica”, e que Meg Williams (2010/2018) considera o mais estético de seus conceitos.

Um belo exemplo de comunhão encontraremos no episódio em que Ulisses, ao desembarcar em Ítaca, vê-se confrontado a provar a seu pai Laertes que ele era

de fato seu filho, seu fruto querido que retornava a suas origens (Homero, séc. VIII a.C./2011). Para tanto, ele relembra ao pai o episódio marcante de sua infância, quando o genitor o levava ao pomar, ensinando-lhe amorosamente o nome de todas as árvores frutíferas. O silêncio de Ulisses durante os 20 anos em que sumira de sua pátria funcionou como a semente da nostalgia que o impulsionou a voltar, gerando essa bela comunhão com suas raízes.

Para terminar, ressaltarei que Bion (1966) criou uma forma estética de representar seu conceito de “mudança catastrófica”. Ao rodear o verbo “*to break*”, em suas conotações de quebra, fragmentação, dissolução, penetração, amortecimento e ultrapassagem, com os sufixos *up*, *down*, *in*, *out* e *through*, ele configurou os cenários de elevação, desmoronamento, evacuação, absorção e superação. Foi o que tentei lhes apresentar, através de minha vivência clínica com Rodrigo e com a biografia da canção “Strange fruit”.

El silencio del fruto es la semilla de la comunión, de la conmoción y de la indignación

Resumen: Por medio de una experiencia de la clínica y de la biografía de la canción “Strange fruit” el autor propone pensar al respecto de la experiencia estética. Esta canción, que traduce un dolor inmenso y deja bien claro el prejuicio y la crueldad, ha sido de vital importancia para el amortecimiento del secular odio racial ejercido contra los afroamericanos. La dura verdad conlleva una penetración estética y el autor la considera como un cambio catastrófico, concepto que ha sido propuesto por Bion y que, según Meg Harris Williams, lo consideró el más estético de los conceptos que creó Bion.

Palabras clave: “Strange fruit”, experiencia estética, cambio catastrófico, cesura, verdad

The silence of the fruit is the seed of communion, of commotion and of indignation

Abstract: By means of a clinical experience and of the biography of the “Strange fruit” song, the author proposes to think about the aesthetic experience. This song, which conveys immense pain and makes prejudice and cruelty clear, was of vital importance in dampening the secular racial hatred against African Americans. The hard truth brings an aesthetic penetration, and it is considered by the author as a catastrophic change, a concept proposed by Bion and, according to Meg Harris Williams, considered by him to be the most aesthetic of his concepts.

Keywords: “Strange fruit”, aesthetic experience, catastrophic change, caesura, truth

Referências

- Bion, W. R. (1966). Catastrophic change. *Bulletin of the British Psychoanalytical Society*, (5).
- Bion, W. R. (2004). *Transformações: do aprendizado ao crescimento* (P. C. Sandler, Trad.; 2a ed.). Imago. (Trabalho original publicado em 1965)
- Goethe, J. W. (1994). *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* (N. Simone Neto, Trad.). Editora Ensaio. (Trabalho original publicado em 1884)
- Homero. (2011). *Odisseia* (F. Lourenço, Trad.). Penguin (Companhia das Letras). (Trabalho original publicado no século VIII a.C.)
- Keats, J. (1819). Ode on a Grecian urn. *Annals of the Fine Arts*, 4(15), 638-639.
- Margolick, D. (2012). *Strange fruit: Billie Holiday e a biografia de uma canção*. CosacNaify. (Trabalho original publicado em 2000)
- Meeropol, A. (1937, janeiro). Bitter fruit. *The New York Teacher*.
- Meeropol, A. (1964). Strange fruit [Canção interpretada por Nina Simone]. Em N. Simone, *Pastel blues*. Philips Records. (Trabalho original publicado em 1938)
- Meltzer, D., & Williams, M. H. (1988). *The apprehension of beauty: the role of aesthetic conflict in development, art and violence*. The Clunie Press.
- Milton, J. (2011). *Samson Agonistes*. Bottom of the Hill Publishing. (Trabalho original publicado em 1671)
- Ogden, T. H. (2020). Psicanálise ontológica ou “O que você quer ser quando crescer?” (F. Sofio, Trad.). *Revista Brasileira de Psicanálise*, 54(1), 23-46.
- Williams, M. H. (2018). *O desenvolvimento estético: o espírito poético da psicanálise: ensaios sobre Bion, Meltzer e Keats*. Blucher; Karnac. (Trabalho original publicado em 2010)

Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho

Endereço: R. Helena, 170/123, Vila Olímpia. São Paulo/SP.

CEP: 04552-050

Tel.: (11) 3842-3060

E-mail: mr.junqueira@uol.com.br